

o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército | Brasília, fevereiro de 1985 | Ano XII | Nº 107



«A valia da Força Expedicionária Brasileira está em ter sido organizada no seio do Exército Brasileiro, dele ser parte integrante e em ter, através da sua estrutura, emanado de todas as terras do Brasil.» (Marechal MASCARENHAS DE MORAES — 9 Jul 45)

Medalhas de Guerra

"Conspira contra a sua própria grandeza o povo que não cultiva os seus feitos heróicos"

Feliz o Brasil que pode cultuar heróis cobertos de glórias em Monte Castello, Montese, Castelnuovo, e em outros combates, escrevendo com sangue, nas terras de alem-mar, legendas de abnegação e bravura.

Através da apresentação das Medalhas de Guerra, reverenciamos a memória daqueles que permitiram ao Brasil comemorar o "Dia da Vitória", que, antes de tudo, representou o coroamento de uma luta pela LIBERDADE, e o ápice de uma campanha em defesa da DEMOCRACIA.

Cruz de Combate de 1ª e 2ª Classes



Dec.-Lei n.º 6.795, de 17 Ago 44, regulamentado pelo Dec. n.º 16.821, de 13 Out 44.

Finalidade: premiar os militares que se distinguiram em ação durante a 2ª Guerra Mundial.

1ª Classe (ouro): concedida aos militares que praticaram atos de bravura, ou revelaram espirito de sacrificio no desempenho de missões em combate, e às Unidades que se destacaram na luta.

2ª Classe (prata): conferida aos participantes de feitos excepcionais, praticados em conjunto por vários militares.

Caracteristicas: anverso — cruz de malta maçanetada, com resplendor canelado formando um quadrado; no centro um disco com uma coroa de louro circundando o Cruzeiro do Sul. Prendendo a cruz um emblema composto de uma âncora, um canhão, quatro bandeiras e quatro fuzis tendo sobre o centro um globo geografico com a sigla FEB;

reverso — gravada a data do evento que deu margem à concessão da condecoração;

fita — de seda chamalotada, com 30 mm de largura por 40 mm de altura, de cor vermelha com bordadura verde nos lados.

Medalha Sangue do Brasil



Dec.-Lei n.º 7.709, de 5 Jul 45.

Finalidade: agraciar os Oficiais, Praças, assemelhados e civis, destacados para o teatro de operações, e que aí hajam sido feridos em conseqüência de ação objetiva do inimigo.

Caracteristicas: anverso — sobre das Armas da Republica: três estrelas vermelhas representando os três ferimentos recebidos pelo General Sampaio, no dia 24 Mai 1866, na Batalha de Tuiuti — Guerra do Paraguai. Dois ramos de "Pau Brasil", enlaçando a medalha, lembram a Pátria e as origens de seu nome glorioso;

reverso — esfera da Bandeira Nacional envolvida pelos dois ramos de "Pau Brasil";

fita — cor vermelha com um friso central dividido em três partes iguais: amarelo, verde, amarelo (cores nacionais).

Medalha de Campanha



Dec.-Lei n.º 6.795, de 17 Ago 44, regulamentado pelo Dec. 16.821, de 13 Out 44.

Finalidade: conferida aos militares da ativa, da reserva e assemelhados, que participaram de Operações de Guerra, sem nota desabonadora. Tambem foi conferida a militares dos Exercitos das Nações Amigas e Aliadas, que tenham tomado parte na Campanha, incorporados às nossas Forças.

Caracteristicas: cruz de malta tendo no centro a legenda FEB, contornada por uma coroa de louros, simbolo da gloria militar. Sobre os três ramos da cruz, a data 16-VII-1944 — que é o desembarque, na Europa, da Força Expedicionaria Brasileira;

fita — de seda chamalotada, nas cores verde e vermelha, verticalmente dispostas em três partes iguais, sendo a do centro, vermelha.

Medalha de Guerra



Dec.-Lei n.º 6.795, de 17 Ago 44, regulamentado pelo Dec. 16.821, de 13 Out 44.

Finalidade: premiar os Oficiais da ativa, da reserva e reformados, e civis que tenham prestado serviços relevantes de qualquer natureza, referentes ao esforço de guerra, preparo da tropa, ou desempenhado missões especiais confiadas pelo Governo, dentro ou fora do país. Foi também outorgada a militares dos Exercitos das Nações Amigas ou Aliadas que colaboraram no esforço de guerra nacional.

Caracteristicas: anverso — é uma cruz do Templo com um distico central onde se encontra o Cruzeiro do Sul (das Armas Nacionais). A cruz se acha sobreposta numa coroa de louro e de carvalho (simbolo do valor militar e do valor civico);

reverso — em alto relevo, está gravada a data 22-VIII-1942, que é a da declaração de Guerra do Brasil;

fita — de seda chamalotada, de cor amarela, com bordadura de cor verde nos lados.

Editorial





VITÓRIAS BRASILEIRAS NA 2ª GUERRA MUNDIAL

A 2ª Guerra Mundial encontrou o Brasil economicamente fraco e submetido a um regime de exceção.

Problemas sociais crônicos desafiavam os governantes da época e nossas Forças Armadas não estavam adequadamente preparadas para participar do conflito.

Em todo o Continente Americano, prevalecia a idéia de neutralidade diante de uma guerra inevitável. As inúmeras agressões sofridas por nossa Marinha levaram o Governo Brasileiro ao rompimento de relações com as potências do Eixo e, logo após, à declaração de guerra.

Nesse ambiente, preparou-se a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar em território italiano. Às dificuldades iniciais para organizá-la, vieram juntar-se os problemas da difícil adaptação a um Teatro de Operações desconhecido.

Tudo era diferente: o idioma, a topografia acidentada e o clima rigoroso e hostil. Os uniformes, os equipamentos e a doutrina militar eram inadequados.

O inimigo, por sua vez, era forte e experimentado.

Organizado e incorporado ao V Exército Americano, o Destacamento FEB, combatendo no vale do rio SERCHIO, conquistou CAMAIORE e MONTE PRANO.

Com a chegada do inverno, o ritmo das operações diminuiu. Era a fase defensiva. Durante ela, a margem oeste do rio RENO foi ocupada, assegurando o acesso a BOLONHA.

A FEB, já agora uma Divisão comandada pelo Gen MASCARENHAS DE MORAES, prosseguiu atacando.

Lições de bravura e heroísmo marcaram os sucessivos e malogrados ataques a MONTE CASTELLO.

O sacrifício de vidas, ceifadas na aspereza dos combates, enrijeceu nossos pracinhas, transformando-os em valorosos soldados.

A conquista de MONTE CASTELLO, em 21 de fevereiro de 1945, representou o início de novas e importantes vitórias. LA SERRA, CASTELNUOVO, MONTESE, ZOCCA, COLECCHIO e FORNOVO DI TARO são páginas inesquecíveis da história de nosso Exército, cujo desempenho, nos campos da Itália, merece o respeito e a admiração dos brasileiros.

Por isso, nesta edição, o verde-oliva dedica especial homenagem aos integrantes da Força Expedicionária Brasileira, prestando-lhes justo e merecido tributo.

Quarenta anos após o conflito, nosso País é outro.

Foram profundas as mudanças provocadas pela FEB em seu retorno ao Brasil: acelerou a queda de um regime inaceitável, reacendendo no povo brasileiro os sentimentos democráticos; despertou os valores e as potencialidades de nossa gente; determinou o incremento de uma industrialização necessária e contribuiu de forma eficaz para a conscientização profissional de nossas Forças Armadas.

Àquele punhado de bravos deve muito a Nação.


o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército

REDAÇÃO: QGEx – Bl B – Térreo – SMU – 70630 – BSB-DF
Tel: 223-2609, 223-5709 e 225-0260, R/2256, 2257 e 2754

Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias

IMPRESSÃO e DISTRIBUIÇÃO: QGEx – S/Garagens – SMU
Tel: 225-0260 R/2939 e 2938

Distribuição gratuita

SUMÁRIO

	Pag
☆ Editorial	1
☆ Calendário do Roteiro da FEB	2
☆ O Brasil e a FEB	3 e 4
☆ O Exército em foco	5
☆ Foto Informação – Foto Interpretação	6
☆ Conheça nossas Guarnições	7
☆ Energia Alternativa	8
☆ Informe VO	9
☆ XX NAE	10
☆ Desportos	11
☆ Epistolografia	12

Calendário do Roteiro da FEB

(desde sua organização)



1943

Agosto – 9 – Traçadas as primeiras normas para a organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Novembro – 23 – Criada a FEB.

Dezembro – 28 – Nomeado Comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) o Gen J. B. Mascarenhas de Moraes.

1944

Junho – 28 – Início do embarque do 1º Escalão.

Julho – 19 – Partida do navio "Gen Mann", conduzindo o 1º Escalão.

16 – Chegada a Nápoles do 1º Escalão (Estacionamento em Bagnuolli).

Agosto – 1 a 4 – Movimento para estacionamento de Tarquinia.

5 – A FEB é incorporada ao V Exército Norte-americano.

18 a 20 – Movimento para o estacionamento de Vada.

23 – Organizados quatro "Grupos Suplementares Brasileiros em Hospitais Norte-americanos".

26 – Estágio de brasileiros na 88ª D. I., em combate (até 04 Set).

Setembro – 6 – A 1ª Cia de Engenharia passa à disposição do IV Corpo de Exército Norte-americano. É a primeira tropa brasileira a entrar em ação.

11 – Organizado o "Destacamento FEB", sob o comando do Gen Zenóbio da Costa (6º RI, II/1º R O Au R, 1ª Cia do 9º BE, Cia de Evacuação do 1º BS).

15 – Entrada em linha do "Destacamento FEB".

16 – Início da ofensiva do "Dst. FEB". Conquista de Massarosa, Monte Comunale e Il Monte.

17 – Conquista de Ghilardona, Il Vecoli, C.S. Lucia e Stiava.

18 – Conquista de Camaiore.

– Embarque, no Rio, dos 2º e 3º Escalões.

22 – Partida dos navios "Gen Meiggs" e "Gen Mann", conduzindo os 2º e 3º Escalões.

25 – Conquista de M. Valimona e M. Acuto.

26 – Conquista de Monte Prano.

27 – Rocada do "Dst FEB" para o vale do Sérchio.

29 – O "Dst FEB" atinge Stazzema-Formoli, capturando Pescaglia e Borgo a Mozzano.

Outubro – 5 – Captura de Ghivizzano e Bolognana.

6 – Conquista de Coreglia Antelminolli e Fornaci.

– Chegada a Nápoles dos 2º e 3º Escalões.

7 – Ocupação de Gallicano, Fabricche e Cardoso.

11 – Conquista de Barga.

24 – Ocupação de Sommacolonia.

25 – Ocupação de Trassilico e Verni.

28 – Captura de Monte Faeto.

29 – Ocupação de Calomini.

30 – Conquista de Lama di Sotto, Lama di Sopra, Pradoscello, Pian del Rios, Collo e San Quirico.

31 – Início da rocada para o vale do Reno.

Novembro – 10 – Início da defensiva no Vale do Reno.

16 – Conquista de Boscacio, Il Sasso, Monte Cavaloro.

23 – Partida, do Rio, do 4º Escalão de embarque.

24 – Ação da "Task Force 45" (à qual estava adido o III/6º RI) contra Monte Castello, sem resultado.

25 – Segundo ataque da "Task Force 45" a Monte Castello, sem resultado.

29 – Terceiro ataque a Monte Castello (o primeiro sob a responsabilidade do comando brasileiro), infrutífero.

Dezembro – 7 – Chegada a Nápoles do 4º Escalão de embarque.

12 – Quarto ataque a Monte Castello (segundo brasileiro), sem resultado.

1945

Fevereiro – 8 – Partida, do Rio, do 5º Escalão de embarque.

21 – Quinto ataque a Monte Castello (terceiro brasileiro), e conquista do mesmo.

22 – Chegada a Nápoles do 5º Escalão de emque.

23 e 24 – Ataque e conquista de La Serra, Cota 958 e Bela Vista.

Março – 3 e 4 – Limpeza do Vale do Marano.

5 – Ataque e conquista de Soprassasso e Castelnuovo.

Abril – 14 – Ataque e conquista de Montese e Serreto.

15 – Conquista de Paravento.

22 – Ocupação de Zocca.

23 – Ocupação de Vignola, Rio Secchia, Ergastolo, Formigine, Castelara, Sassuolo.

26 e 27 – Conquista de Colecchio.

28 – Conquista de Fornovo.

29 e 30 – Ocupação de Piacencia e Castelvetro. Execução da rendição da 148ª DI Alemã e da 90ª Divisão Blindada e da Divisão "Itália".

30 – Ocupação de Alessandria.

Maio – 1 – Ocupação da região de Casale, de Solero, Salvatore e Casteleto.

2 – Ocupação de Turim e ligação com a 2ª Divisão do Exército Francês em Suza.

3 – Início do período da ocupação.

8 – Rendição incondicional das tropas inimigas que combatiam na Itália.

Junho – 3 – Início dos preparativos para o deslocamento para Francolise.

20 – Término do período de ocupação.

O Brasil e a FEB

A partir de julho de 1945, começaram a retornar ao Brasil as tropas enviadas à Europa para combater o nazi-fascismo. O último contingente chegou nos primeiros dias de outubro. Estava concluído um importante episódio de nossa História. A declaração de guerra, a organização e treinamento da Força Expedicionária Brasileira, os combates, a vitória e o regresso representavam o resultado do inaudito esforço de uma geração no sentido de se afirmar, perante o Mundo, como povo de uma grande nação. Esse esforço frutificou e teve grandes reflexos, modificando o rumo que, até então, vinha tomando o País.

Em 1940, o Brasil vivia o período que ficou conhecido como "O Estado Novo" e que, naquela altura, já demonstrava graves debilidades. Com sua população concentrada no litoral, enfrentando imensas dificuldades de transportes, energia e comunicações, o País era essencialmente agrícola, com a economia sustentada pela exportação de café. As Forças Armadas apresentavam sérias deficiências. A doutrina do Exército era francesa e, como tal, basicamente defensiva. A Aeronáutica, até então vinculada às forças de terra e mar, nasceria no ano seguinte. A Marinha de Guerra estava limitada a velhos e desgastados couraçados e cruzadores, herança do início do século.

Naqueles dias, o Brasil observava atentamente a evolução dos acontecimentos na Europa sem, contudo, tomar qualquer partido. Afinal, vivíamos, também, sob um regime ditatorial. No Sul do País, havia grandes contingentes de colonos de origem alemã e italiana. Tínhamos diversas cidades em que o ensino era ministrado somente em idioma alemão. E Hitler estimulava a formação de quistos raciais no Brasil, o que, mais tarde, poderia se revelar de grande utilidade.

Nesse panorama, o País procurava ficar neutro em meio a um mundo que se dividia em duas partes. Logo, porém, ficou evidente que essa posição era insustentável. Por força de tratados internacionais, o Brasil estava comprometido a se solidarizar com qualquer nação americana que fosse agredida. Assim sendo, quando os Estados Unidos foram atacados em Pearl Harbour, em dezembro de 1941, rompemos nossas relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão.

Pagamos um preço alto por essa atitude: em sete meses, tivemos dezenove navios afundados. Setecentos e quarenta brasileiros, entre passageiros e tripulantes, perderam a vida de forma traiçoeira, sem qualquer aviso prévio. O povo, unanimente inconformado com a insólita agressão, reunia-se em passeatas, pedindo a guerra. Finalmente, em 22 de agosto de 1942, o Governo declarou o estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália.

A partir de então, urgia preparar uma força capaz de respaldar as novas responsabilidades assumidas. A tarefa era hercúlea. Tínhamos que transformar inteiramente um exército que havia dado seu último tiro, numa guerra externa, em 1870, na campanha contra Solano Lopes. Desde aquela época, o Exército havia sido empenhado somente em lutas internas, contra adversários cuja doutrina, armamento e tática eram por demais conhecidos; o ambiente operacional não apresentava qualquer novidade. Em 1942, todavia, a situação era bem diversa. O inimigo possuía, àquela altura, uma sólida experiência de combate. Seu armamento era o melhor do Mundo. Sua doutrina de guerra a todos surpreendia e, até então, só lhe havia rendido retumbantes vitórias.

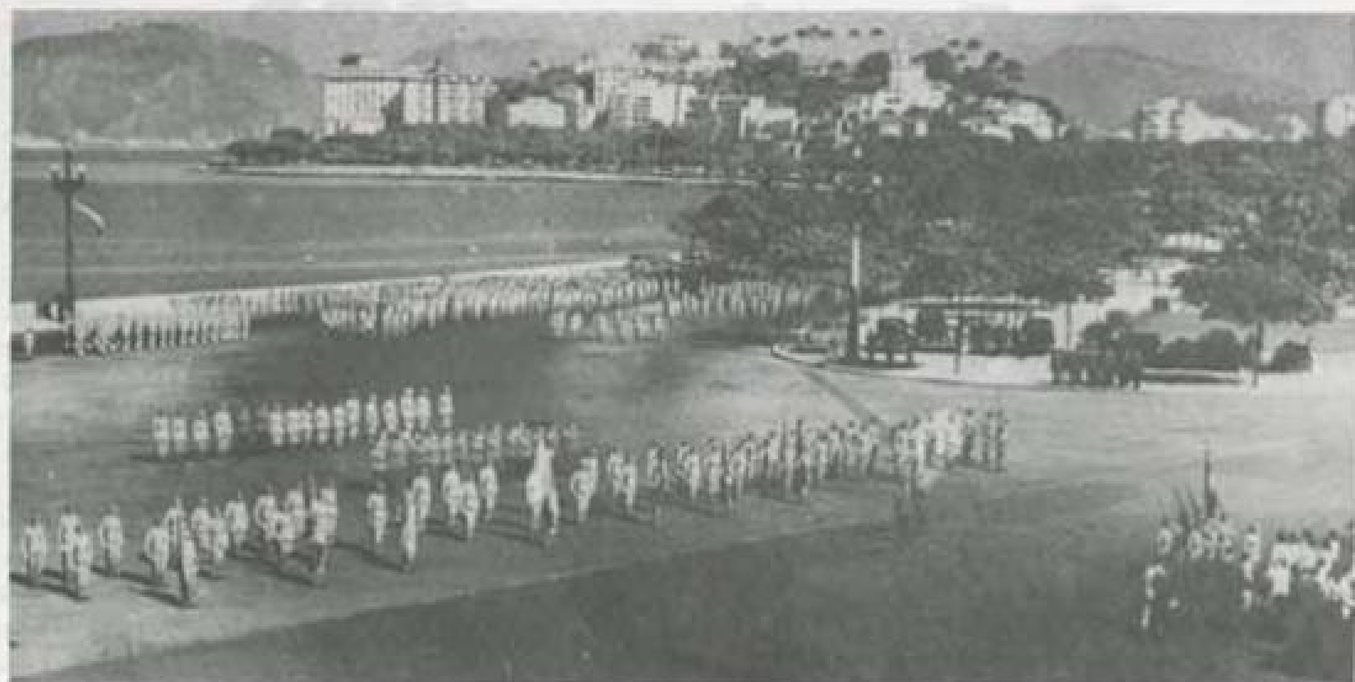
Enquanto os afundamentos prosseguiam — após a declaração de guerra ainda perdemos doze navios — o Brasil se mobilizava econômica e militarmente.

Com seu comércio externo vitalmente atingido pelas restrições impostas à navegação marítima, o País, dependente da importação de produtos europeus, ressentia-se, agora, da falta de um parque industrial capacitado a lhe suprir as necessidades básicas. Intensificou-se, em conseqüência, o comércio com os Estados Unidos. Em todo o território nacional estocavam-se mercadorias, improvisava-se, trabalhava-se arduamente, racionavam-se combustíveis. Era o esforço de guerra. Surgiram as Batalhas da Borracha e dos Minerais Estratégicos.



Até a declaração formal do estado de beligerância, as Forças Armadas dedicaram-se, exclusivamente, à defesa do território. A grande preocupação era a possível tentativa de estabelecimento, por parte da Alemanha, de bases aéreas e navais no Nordeste que, atuando em coordenação com as forças que já dominavam o Norte da África, permitiriam o controle do tráfego marítimo no Atlântico Sul.

Em reunião havida em Washington, a 27 de agosto de 1942, foi, porém, mudada a estratégia, passando-se a adotar uma atitude ofensiva. Ficou acertado, então, que o Brasil



enviaria à Europa um Corpo de Exército com um efetivo de cerca de 60 mil homens. Mais tarde, em razão da mudança de rumo dos acontecimentos, esta força foi reduzida ao valor de uma Divisão de Infantaria Expedicionária, com um efetivo aproximado de 25 mil homens. De qualquer forma, entretanto, o País via-se a braços com um problema realmente gigantesco.

Para a Marinha de Guerra, foram adquiridos 16 caça-submarinos, 8 contra-torpedeiros e 1 navio transporte. A Aeronáutica recebeu 3 grupos aéreos. O Exército, por seu turno – àquela época com um efetivo de 60 mil homens – também se empenhava a fundo no sentido de se adaptar à nova situação. Havia sido adquirida, aos Estados Unidos, considerável quantidade de armamento moderno.

Nas três Forças, todavia, a grande dificuldade repousava na mobilização de pessoal. Foi bastante elevada a quantidade de homens que, convocados, eram reprovados no exame médico. Para o preenchimento de claros de oficiais, o recurso adotado foi a promoção ao posto seguinte, o que, mais tarde, revelou-se uma solução que deixava a desejar.

Não obstante todos esses percalços, a Força Expedicionária Brasileira (uma Divisão de Infantaria) e um Grupo de Caça embarcaram com destino aos campos de batalha do Velho Mundo após um intenso período de treinamento. A 16 de julho de 1944, chegaram a Nápoles os primeiros cinco mil soldados brasileiros, sob o comando do Gen Zenóbio da Costa.

A partir daí, desenvolveu-se toda uma epopéia, em que o homem brasileiro foi-se adaptando com uma facilidade que a todos surpreendeu. Em que pese o fato de já haver iniciado o declínio da máquina de guerra do III Reich, a verdade é que a FEB realizou feitos que, até então, eram inéditos em nossa História. Vencendo o frio, as dificuldades de idioma, as novidades no que se referia a material e, sobretudo, o inimigo extremamente aguerrido e desesperado, as tropas brasileiras foram incorporando, aos nossos anais, nomes que hoje constituem verdadeiros símbolos: Camaiore, Monte Prano, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Zocca, Collechio, Fornovo . . . E, no Dia da Vitória, as Forças Armadas Brasileiras alinhavam-se entre os vencedores.

Tão logo as Unidades que compunham a FEB chegaram de volta ao País foram desmobilizadas, tomando seus integrantes os mais diversos destinos, retomando aos afazeres do tempo de paz. Estava, todavia, lançada uma semente que haveria de germinar. O Brasil se encontrava em vésperas de grandes modificações.

A nação havia incorporado definitivamente os ideais democráticos. A propaganda ideológica fortemente difundida durante o período de hostilidades havia produzido efeitos bem mais profundos que os desejados pelo Governo Vargas. O povo se conscientizara de que não mais fazia sentido estarmos sujeitos a um regime ditatorial. E, dessa forma, a 29 de outubro de 1945, caía o regime de exceção, dando lugar a um novo Brasil.

Outro grande saldo positivo foi o despertar da confiança do homem brasileiro em suas próprias potencialidades. Afinal, havíamos derrotado os melhores soldados do Mundo, que se diziam pertencer a uma raça superior. Por que, então, haveria empreendimentos impossíveis para o nosso povo?

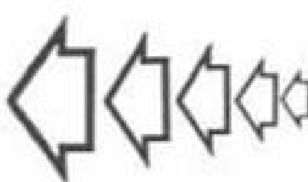
Por outro lado, tomamos consciência de nossas vulnerabilidades estratégicas. Como decorrência da guerra, surgiram a Usina de Volta Redonda, a estrada Rio-Bahia, as Centrais Hidrelétricas do São Francisco, a Petrobrás. O ensino do idioma português passou a ser efetivamente exigido. Era o Brasil tomando uma nova dimensão. Esse sentimento perdura até hoje e, nos dias atuais, traduz-se pela preocupação com a independência energética, a busca das tecnologias de ponta, a criação de uma indústria nacional de material bélico capaz de suprir nossas próprias necessidades, a ocupação de nossos espaços vazios.

As Forças Armadas, por seu turno, experimentaram profundas modificações. Sua doutrina de emprego mudou completamente, passando a primar pela ofensiva: já não se admitia mais ceder ao inimigo qualquer parcela do nosso território. Em 1949 foi criada a Escola Superior de Guerra, onde os problemas nacionais passaram a ser estudados de forma global. Os cursos militares foram reestruturados. Passou a haver um afã de atualização do armamento.

Dessa maneira, a FEB modificou inteiramente o País. Das cinzas da guerra, surgia um Brasil novo, mais forte, mais consciente de seu potencial, mais determinado a assumir o papel que lhe cabe na comunidade das Nações.

O Exército em foco

O rápido avanço tecnológico em todos os setores da atividade humana teve sua origem e permanece presente nos órgãos que tratam da pesquisa, desenvolvimento e fabricação de material de emprego militar em todo mundo. Atualmente, é imprescindível o acompanhamento e a atualização tecnológica e operacional dos Exércitos, sob pena de serem aniquilados por um inimigo que utilize armas e processos mais avançados.

As Forças Armadas brasileiras buscam, dentro da escassez de recursos do momento, saltar etapas na obtenção de tecnologia própria e na pesquisa e desenvolvimento de sistemas de armas modernas, compatíveis com as nossas necessidades de defesa. Muitas empresas privadas nacionais, algumas com grande êxito, dedicam-se à produção de material de emprego militar e algumas já são sérias concorrentes no mercado internacional de armas.

No âmbito do Exército, o Centro Tecnológico do Exército, integrando o respectivo Sistema de Pesquisa e Desenvolvimento, é o Órgão Técnico de Apoio para a pesquisa e desenvolvimento de materiais de emprego militar.

O CTEx atravessa um período de intensa atividade, com mais de oitenta projetos em sua pauta de trabalho. O Estado-Maior do Exército e a Secretaria de Economia e Finanças diligenciam no sentido de obter recursos para que o maior número possível de projetos, todos de interesse da Força Terrestre, seja executado.

Blindados, mísseis e foguetes, viaturas especiais, e a instalação da infra-estrutura do CTEx são as prioridades estabelecidas.

Entre outros, estão sendo pesquisados e desenvolvidos pelo CTEx os seguintes projetos de viaturas:

– **Carro de Combate XMB-3 "TAMOIO"**, junto à firma BERNARDINI, em São Paulo. É um carro de combate de peso inferior a 30 toneladas, com características semelhantes e desempenho superior ao CC M-41, de fabricação norte-americana, atualmente em uso no nosso Exército.

O XMB-3, armado com Can 90mm e dispondo de todos os requisitos técnicos e operacionais que o tornam, desde já, um concorrente de respeito no mercado internacional, será o carro de combate básico das Brigadas de Cavalaria Mecanizada.



Viatura Blindada de Combate de Fuzileiros XMP-1 "CHARRUA"

– **Repotencialização do Carro de Combate M-41.** O CC M-41 original é dotado de Can 76mm, cuja munição não é fabricada no Brasil e é de difícil aquisição no mercado internacional; seu motor consome gasolina azul, com grande consumo por Km e suscetível de violenta explosão se atingido; seu equipamento de comunicações é deficiente; existe no nosso Exército um grande número de CC M-41.

A modernização visa padronizar seu armamento principal para calibre 90mm capaz de empregar munição flecha; melhorar a proteção balística e a suspensão, elevar a potência do motor e substituí-lo por motor a diesel; instalar meios de comunicações nacionais; desenvolver meios de observação de tiro noturno e instalar equipamentos de direção de tiro e de estabilização.

– **Modernização da Viatura Blindada de Transporte de Pessoal M-113, sobre lagartas.**

O objetivo deste projeto é modernizar todos os M-113 atualmente em uso no Exército Brasileiro.

O trabalho de produção de um lote piloto já foi iniciado pela firma Moto Peças, compreendendo a substituição do motor a gasolina por motor diesel de fabricação nacional e de alguns outros complementos.

– **Derivados do M-113:**

Viatura Blindada Posto de Comando: visando desenvolver um 'Kit' removível contendo os meios necessários para o emprego do M-113 como viatura Posto de Comando.

Viatura Blindada de Comunicações: da mesma forma que a anterior, visa adaptar meios de comunicações, de fabricação nacional, sobre o chassis do M-113-B, transformando-o em viatura de Comunicações, orgânica das GU e Unidades Blindadas.

– **Viaturas Blindadas de Engenharia:**

Viatura Blindada de Combate de Engenharia: adaptando o CC SHERMAN, repotencializando o equipamento de limpeza dos campos de minas e incluindo uma lâmina para trabalhos de engenharia em Zonas batidas por fogo. Este carro será orgânico das Unidades de Engenharia de Combate Blindadas.

Viatura Blindada especial Lança Ponte 20/40, sobre lagartas: orgânica das OM de Engenharia Blindada, esta viatura também utilizará o chassis do carro SHERMAN, repotencializado, e permitirá a transposição de vãos de até 20 metros por veículos até 40 ton.

– **Viatura Blindada de Combate de Fuzileiros, XMP-1 "CHARRUA", sobre lagartas.**

Este projeto visa dotar o Exército de uma viatura Blindada de Combate de Fuzileiros, orgânica das frações de Unidades Blindadas.

Este projeto é desenvolvido em íntima ligação com o do carro de combate XMB-3 "TAMOIO", pois utiliza grande número de seus componentes.

O XMP-1, além de transportar os fuzileiros como o fazem as atuais viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal, terá condições de participar efetivamente do combate.

– **"Família XM-3"** – Vários projetos de Viaturas Blindadas vêm sendo desenvolvidos tendo por base o chassi do Carro de Combate Leve M3 A1, o famoso e ágil "Perereca", que tantos serviços prestou ao nosso Exército. Sobre esse chassi, modernizado, estão sendo instaladas várias estruturas diferentes, constituindo uma "família" de blindados: XM3 B1 VBT Morteiro 120mm – XM3 C1 VB Socorro – XM3 D1 VB Antiaérea (Mtr .50 ou Can AAe 20mm) – XM3 E1 VB Antiaérea (Can AAe 40mm).

– **Carro de Combate XEET-1 "OSÓRIO".**

O CTEx acompanha o desenvolvimento deste carro de responsabilidade da ENGESA, que o está construindo com seus próprios recursos. Um projeto complexo como o de um carro de combate não termina com a apresentação do 1º protótipo. Outros protótipos serão necessários até que sejam satisfeitas todas as exigências técnicas e operacionais desejadas. Terminada esta fase, é fabricado um lote piloto que torna a ser avaliado. Somente após a aprovação deste lote é que tem início a fabricação em série do material. Em íntima ligação com o CTEx a ENGESA desenvolve, atualmente, além do CC "OSÓRIO", os seguintes projetos de veículos sobre rodas:

– **Viatura Blindada de Reconhecimento, 4x4, XEE-3 "JARARACA"**, destinada aos Grupos de Exploradores dos Pelotões de Cavalaria Mecanizada.

– **"Família"**, empregando o chassi blindado do EE-11 "URUTU", 6x6, com as seguintes versões: Socorro, Posto de Comando, Comunicações, Antiaérea (com Mtr. 50 ou Can AAe 20mm), Morteiro 81.

– **"Família" de viaturas sobre rodas, adaptando o chassi básico da viatura EE-34, 3/4t, 4x4**, visando obter:

a. **Viatura Transporte de Pessoal – Comando**: será orgânica das Unidades e Grandes Unidades Motorizadas.

b. **Viatura Ambulância**: com os meios necessários para o transporte e a evacuação de feridos, orgânica das Unidades e GU Motorizadas.

c. **Viatura TNE, de 1/2t, 4x4**: que atenda as necessidades do Exército, tanto para o tipo Transporte não Especializado como para permitir a adaptação do seu chassi básico a diferentes empregos, tais como: ação de comando, transporte de feridos e de pequenas cargas, defesa anticarro, reconhecimento terrestre e comunicações. (Extrato do Bol Inf Nr 1 do EME)

Foto-Informação

Foto-Interpretação

Desprezando-se a significação semântica entre foto-informação e foto-interpretação, vemo-las convergirem, sem qualquer diferenciação, para a sua destinação precípua, qual seja, a técnica aplicada à obtenção de informações por intermédio do reconhecimento aerofotográfico. Suas atividades compreendem as fases de: planejamento de vôos de reconhecimento fotográfico, obtenção de fotografias, trabalhos de laboratório, interpretação das imagens e difusão das informações obtidas.

O exame de imagens e a foto-interpretação abrangem, na parte específica militar, dentre outros, os seguintes aspectos:

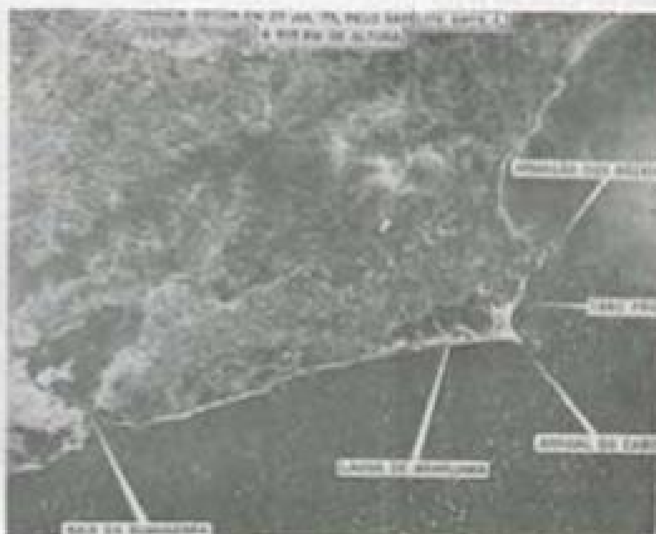
– análise e levantamento do potencial industrial inimigo;
– levantamento de danos;
– estudo do material, tática e atividades do inimigo;
– deteção de camuflagem;
– escolha de alvos para bombardeios;
– análise do terreno e da vegetação;
– estudo de áreas urbanas;
– análise de rodovias, pontes e ferrovias;
– estudo de portos e aeródromos.

Inegavelmente, hoje, os estudos baseados nas imagens aéreas constituem cada vez mais um elevado potencial de informações militares, quer de natureza tática, quer de natureza estratégica, valorizando-se de forma crescente com os avanços tecnológicos de utilização de satélites.

A eficácia da interpretação das imagens aéreas interliga-se a um correto levantamento da área fotografada, onde a tradução dos dados mais importantes, sob o ponto de vista militar, são fornecidos através do foto-intérprete, que explora e procura tirar o máximo proveito do potencial de informações que a imagem possui.

Assim, o aprimoramento do elemento especializado deve ser uma constante, para que possa acompanhar a evolução dessa área técnica, por muitos ainda hoje ignorada.











Conheça nossas Guarnições

17ª Bda Inf Sl – Porto Velho–RO

1. **Cronologia da 17ª Bda Inf Sl**

– Dia 23 Set 32: criados os Contingentes Especiais de Fronteira, estacionados em Guajará-Mirim, Porto Velho e Forte Príncipe da Beira.

– 22 Fev 37: foi criada a 3ª Cia do 2º Batalhão de Fronteira, com sede em Porto Velho.

– 16 Mar 40: a Cia de Porto Velho passou a denominar-se 3ª Companhia Independente de Fronteira.

– 15 Jul 48: passou a denominar-se 3ª Companhia de Fronteira.

– 20 Fev 66: chega a Porto Velho o 5º Batalhão de Engenharia de Construção (5º BEC).

– 24 Jul 69: é extinta a 3ª Cia de Fronteira e criado o Comando de Fronteira Acre-Rondônia – CFAR.

– 9 Jun 78: o CFAR é transformado em 3º Grupamento de Fronteira.

– 16 Dez 80: é criada a 17ª Brigada de Infantaria de Selva.

2. **Subordinação**

A 17ª Bda Inf Sl está subordinada ao Comando Militar da Amazônia (Manaus–AM).

3. **Unidades Subordinadas**

Integram a 17ª Bda Inf Sl as seguintes Organizações Militares: 4º Batalhão Especial de Fronteira (Rio Branco–AC), 6º Batalhão Especial de Fronteira (Guajará-Mirim–RO) e 54º Batalhão de Infantaria de Selva (Humaitá–AM).

4. **Organizações Militares da Guarnição Militar de Porto Velho**

a. **Do Exército**: Comando da 17ª Brigada de Infantaria de Selva, 5º Batalhão de Engenharia de Construção, Depósito de Subsistência de Porto Velho, 7ª Delegacia de Serviço Militar, e Circunscrição de Serviço Militar (a ser instalada).

b. **Da Força Aérea**: Destacamento de Serviço de Proteção ao Vôo, Sub-comissão de Construção da Base Aérea de Porto Velho, e Base Aérea de Porto Velho.

c. **Da Marinha**: Agência da Capitania dos Portos.



5. **Próprio Nacional Residencial**

A Guarnição possui: sob a responsabilidade da 17ª Bda Inf Sl, 27 (vinte e sete) PNR para Oficiais, 49 (quarenta e nove) para Subtenentes e Sargentos e 8 (oito) para Cabos e Soldados; sob a responsabilidade do 5º BEC, 24 (vinte e quatro) PNR para Oficiais, 40 (quarenta) para Subtenentes e Sargentos e 16 (dezesseis) para Cabos e Soldados.

6. **Correspondência**

Av Duque de Caxias, s/nº Caiari – CEP 78 800 – Porto Velho–RO – Tel: (069) 221-3547 – PABX (069) 221-6187 – Cmt.

7. **Município de Porto Velho**

– **Criação**: em 2 Out 1914, desmembrado do Município de Humaitá, por ato do Governo do Estado do Amazonas. A 13 Set 43, pelo Decreto-Lei nº 5812, a cidade de Porto Velho passou a ser capital do então Território Federal do Guaporé.

– **População**: atualmente a população do Município de Porto Velho é, aproximadamente, a seguinte: população urbana na sede – 164.586 habitantes, nos distritos – 1.893 habitantes; população rural na sede – 17.815 habitantes, nos distritos – 23.393 habitantes. Total do Município 207.686 habitantes.

– **Clima**: o clima é classificado como equatorial úmido, sendo que o período de chuvas se estende de outubro a abril, e o período da seca de junho a setembro. É quente durante todo o ano; a variação média das temperaturas oscila entre 12ºC e 34ºC.

– **Distâncias**: Rio de Janeiro – 3.534 km; São Paulo – 3.174 km; Brasília – 2.558 km; Belém – 4.371 km; Manaus – 878 km; Cuiabá – 1.416 km; Belo Horizonte – 3.070 km; Curitiba – 3.165 km; Porto Alegre – 3.867 km; As ligações via aérea são realizadas através das empresas: VARIG, CRUZEIRO, VASP e TABA (somente na área amazônica).

– **Dados Geográficos**: localiza-se à margem direita do rio Madeira, constituindo-se em seu principal porto. A sua altitude é de 875 m, e as suas coordenadas geográficas são 63º 49' de longitude oeste e 8º 45' de latitude sul.

– **Principais atividades econômicas**: são a agricultura, a pecuária e a produção extrativa de ouro e cassiterita.

– **Rede Escolar**: a cidade possui (na área urbana), da rede oficial, a seguinte quantidade de unidades escolares: pré-primário – 13; 1º grau – 28; 2º grau – 7. Da rede particular: pré-primário – 25; 1º grau – 9; 2º grau – 2 unidades.

Ensino Profissionalizante: conta com uma unidade do SENAI e uma do SENAC.

Ensino Universitário: a Universidade Federal de Rondônia (UNFR), fundada em 1982, conta com os seguintes Cursos, todos em pleno funcionamento: Matemática, Pedagogia, Educação Física, Letras, História, Geografia, Administração de Empresa, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.

– **Rede Hospitalar**: a cidade conta com cinco Hospitais, vinte e cinco Postos de Saúde, vinte Postos de Assistência Médica e dez Centros de Saúde, todos do Governo, e oito Hospitais particulares. Os militares são atendidos no Hospital do 5º BEC (em vias de se transformar em Hospital de Guarnição). Existem diversos Hospitais, Clínicas e profissionais da área de saúde que mantêm convênio com o FUSEX, visando o atendimento aos militares e seus dependentes.

– **Emissoras de Rádio e TV**: a cidade é atendida por duas emissoras de televisão: TV Rondônia (TV Globo) e TV Nacional. Possui três emissoras de rádio, que operam em AM/FM.

– **Energia Elétrica**: Porto Velho é abastecida por energia elétrica de origem térmica (geração a óleo diesel), 110 volts e 50/60 ciclos.

– **Comunicações**: a Empresa de Telecomunicações de Rondônia S/A (TELERON) realiza a prestação de serviço telefônico público local, interurbano (DDD, DDC e via telefonista) e internacional (DDI e via telefonista).

– **Comércio e Alimentação**: a cidade conta com uma boa rede de Supermercados (JUMBO, Casa do Óleo, Teixeira, Balau e COBAL). Possui vários mercados onde se encontram, com facilidade, verduras, hortaliças, frutas, carnes, pescados, enlatados e cereais.

– **Hotéis**: a cidade possui mais de quinze hotéis, sendo os principais: Selton Porto Velho Hotel, Floresta Hotel, Rondon Palace Hotel, Guaporé Palace Hotel, Hotel Vitória Palace e Hotel Itajangá Praia Clube.

– **Clubes**: os mais importantes são: Ferroviário Atlético Clube, Botafogo Futebol Clube, Clube dos Oficiais do 5º BEC, AABB, Itajangá Praia Clube e Jamary Esporte Clube.

– **Bancos**: a cidade conta com mais de 25 (vinte e cinco) agências bancárias, sendo as principais: Banco do Brasil, Bamerindus, CEF, Itaú, Nacional, Basa, Bradesco, Mercantil de São Paulo, Beron, etc.

– **Cinemas**: a cidade possui três cinemas.

– **Museus**: existem dois, sendo um o Museu da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e o outro o Museu Territorial de Rondônia (instalado no Palácio Getúlio Vargas, sede do Governo do Estado).

– **Praças**: no perímetro central a cidade possui seis praças.

– **Turismo**: os locais de turismo mais procurados são: os dois museus já mencionados, Casa do Artesão, viagem de trem até Santo Antônio (marco histórico da fundação de Porto Velho) e à cachoeira do Teotônio (25 km – em trecho de ferrovia recentemente recuperado), e, ainda, visita à cachoeira do Teotônio na época da pesca (Ago-Set).



Energia Alternativa



INTRODUÇÃO

Ultimamente, tem-se falado muito sobre combustíveis alternativos, já que esse assunto afeta praticamente todos os setores de nossa sociedade e reflete-se no cotidiano de cada um de nós.

Para o Brasil, esse problema tem importância fundamental, por ser um país que, até o presente, depende exclusivamente da energia convencional para o seu desenvolvimento industrial.

É desnecessário mencionar que, depois que o mundo assistiu e participou da crise do petróleo, ficou patente que nenhum país pode depender unicamente desse combustível fóssil não renovável.

Parece um paradoxo, porém a crise do petróleo veio a ser benéfica para o mundo, porque estimulou o desenvolvimento de novas fontes de energia e, no caso específico do Brasil, devido a características que lhe são peculiares, veio beneficiá-lo de modo especial. Isto porque criou consciência nacional para um maior aproveitamento dos seus recursos naturais, a fim de desenvolver a energia alternativa e, através dela, substituir paulatinamente a convencional.

Como é de conhecimento, a energia que vem sendo empregada com grande sucesso nos motores do ciclo Otto é o álcool, e hoje ninguém mais duvida que, na década de 90, ela substituirá em quase sua totalidade a gasolina.

Porém, é importante salientar que todo o esforço que vem sendo feito, pelas indústrias e pelo governo,para solidificar o plano do álcool, não será suficiente para evitar que o país deixe de importar o petróleo, porque a estrutura atual do refino do petróleo,existente no Brasil, não permite a obtenção de altas variações nas porcentagens dos seus derivados, e, como é necessário produzir óleo Diesel para suprir a demanda atualmente existente no país (relativa ao emprego nos veículos de transporte), é necessário continuar importando quase a mesma quantidade de petróleo, mesmo que todos os veículos alimentados a gasolina fossem substituídos pelos a álcool.

A frota destinada ao transporte, alimentada a óleo Diesel, vem crescendo e diminuindo a cada ano a alimentada a gasolina.

De fato o consumo de óleo Diesel de 1976 a 1982 cresceu na proporção de 36%.

Em 1985, caso o índice de crescimento do consumo de óleo Diesel seja mantido, o país estará gastando quase 22 milhões de m^3, aumentando consideravelmente a diferença em relação ao consumo da gasolina.

Para contornar este problema, existem algumas alternativas como: mudança no processo de refino do petróleo, substituição dos motores do ciclo Diesel por ciclo Otto ou elétrico (para frotas urbanas), substituição do óleo Diesel por óleo vegetal, ou utilização do álcool aditivado.

Entre essas opções, a que parece,tanto do ponto de vista técnico como econômico, a mais viável é a substituição do óleo Diesel por óleos vegetais.

Entre todos os óleos vegetais pesquisados, aquele que desponta como mais promissor para vir a ser o sucedâneo do óleo Diesel é o da mamona e o do pinhão manso.

RESULTADOS

Os vegetais produtores de óleo são os mais comuns no nosso dia a dia. Quanto às culturas, atualmente podemos dizer que elas se dividem em: culturas desenvolvidas, culturas nativas a serem desenvolvidas e culturas complementares.

Os vegetais produtores de óleo que já têm a sua cultura desenvolvida são: algodão, mamona, amendoim, girassol, colza, soja e milho.

Os vegetais nativos produtores de óleo, que têm a sua cultura ainda em desenvolvimento, são: dendê, pinhão, indaiá rasteiro, piqui e macaúba.

Os vegetais pertencentes às culturas complementares são: linhaça, tremoço, jojoba, coco-da-baía, gergelim, cártamo, abacate, oiticica e a cotieira.

Segundo novas experiências, o óleo vegetal pode ser utilizado nos motores a combustão por compressão nos seguintes modos: puro ou transesterificado.

O emprego do óleo vegetal puro nos motores do ciclo Diesel já era conhecido desde o século passado e foi testado pela primeira vez, nesses motores, pelo seu próprio inventor. Quando empregado na forma pura nos motores, possui vários inconvenientes.

Quanto à segunda opção, parece ser a mais viável tanto no aspecto econômico como no técnico.

A transesterificação do óleo vegetal é obtida através do ataque dos glicloídeos por etanol em um reator específico. Após a reação, o álcool não consumido é destilado e a mistura de ésteres é lavada em água fria, e separada por centrifugação.

Essa técnica já é conhecida há muito tempo; na década de 40, foi iniciada na Bélgica e na França, tendo sido produzida a nível de planta piloto, servindo posteriormente para os ensaios em motores, em bancadas e em veículos. Os resultados iniciais foram muito promissores.

Devido ao baixo preço do petróleo na época e da impossibilidade de se produzir vegetais em grande escala nesses países, o projeto foi abandonado.

Do ponto de vista técnico, o óleo transesterificado possui as seguintes vantagens: o motor não necessita sofrer modificações (podendo assim trabalhar com ésteres Diesel ou mistura); emissão de um menor índice de fumaça do que o do Diesel; pode ser usado puro ou misturado com óleo Diesel; as suas características básicas são muito semelhantes às do Diesel e variam muito pouco em função do vegetal; produz como sub-produto a glicerina e o farelo, servindo esse último para alimentação dos animais; isento de enxofre; e o equipamento usado na transesterificação tem baixo custo.

Para obtenção do éster, o óleo não necessita passar pelo processo de refino, podendo ser obtido diretamente do próprio óleo bruto.

Entre os ésteres dos óleos pesquisados, do ponto de vista técnico e econômico, aquele que se acredita possa a vir ser o sucedâneo do óleo Diesel é o do pinhão manso e o da mamona, com destaque desse último, devido às suas seguintes características: maior potência do motor; maior torque; alta produtividade agrícola; a tecnologia do plantio e do processamento já é dominada; existência de grandes áreas disponíveis para o plantio; possui alto teor de óleo (48%); não é uma cultura alimentar; baixo teor de linoleico; produz (para animais) torta como subproduto de alto teor protéico; baixo custo de produção; existência de uma grande área cultivada (450.000 ha/1980); é uma cultura de clima quente, de rápido crescimento (1ª colheita após 150 dias) e resistente à praga; baixo investimento da instalação industrial; e é miscível com óleo Diesel em qualquer proporção sem exigir modificações do motor.

É importante salientar que a substituição do óleo Diesel pelo óleo vegetal transesterificado, do ponto de vista sócio-econômico, trará vantagens de consideráveis dimensões, entre elas podemos citar: aproveitamento da mão-de-obra não especializada, criação de novos empregos na agricultura, contribuição para uma maior fixação do homem no interior, ampliação das atuais fronteiras agrícolas do país, melhor distribuição de rendas, aplicação da tecnologia brasileira não sofisticada assimilável em qualquer região, redução da importação do petróleo (fortalecendo a economia pela diminuição da dependência externa), e aproveitamento das terras ociosas de baixa fertilidade.

CONCLUSÃO

Em função dos resultados dos testes que se realizaram com motores de automóveis em dinamômetro, e dos milhares de quilômetros rodados em estrada com veículos alimentados com éster da mamona, pode-se conscientemente dizer que os problemas técnicos foram resolvidos, e os veículos alimentados a éster de mamona apresentam as mesmas qualidades compatíveis com os da atual produção, quando utilizam os combustíveis convencionais.

Em relação à tecnologia agrícola da mamona, pelos trabalhos que os diversos centros de pesquisas agrícolas vêm realizando com essa oleoginosa há vários anos, entre eles o IAC (Instituto Agronômico de Campinas) e a EPAMIG (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais), acredita-se que ela já está totalmente dominada.

O fato de o Brasil ser o maior produtor mundial de óleo de mamona, por si só, já vem comprovar esse domínio tecnológico.

Quanto à tecnologia da transesterificação do óleo, conforme mencionado anteriormente, essa técnica já é conhecida e dominada desde a década de 40 e, no Brasil, já existem várias empresas e centros tecnológicos operando nesse campo.

Atualmente o custo de produção do éster (da mamona e do pinhão), sem dúvida, é maior do que o do óleo Diesel, porém a diferença é menor do que a do custo da gasolina comparado com o álcool, quando esse combustível alternativo foi lançado no mercado.

Com isso, podemos concluir que se o "pró-álcool" foi viável (e hoje é considerado, a nível mundial, como projeto de energia alternativa mais bem sucedido), a utilização dos óleos vegetais, do ponto de vista econômico, para vir substituir o Diesel, também o será.

(Extrato de artigo publicado por Paulo Penido Filho e Francesco Villano, da FIAT Automóveis S/A – Betim–MG)

Informe VO

Campanha de Vacinação

As Organizações Militares da Guarnição de Juiz de Fora participaram, sob a direção do Comando da 4ª Região Militar, da Campanha de Vacinação Anti-Rábica, nas áreas urbana e rural do Município, apoiando o Instituto Estadual de Saúde Animal (IESA).

Essa participação permitiu aumentar ainda mais o entrosamento existente entre as OM da área, as autoridades sanitárias estaduais e a população juiz-forana.

Na foto, momento da aplicação da vacina.



Apresentação de Corais

O Comando do II Exército (São Paulo–SP) recebeu, em seu auditório, os corais do I Grau (período da tarde) do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, que fizeram uma excelente apresentação.

Na fotografia, observa-se o grande número de participantes dos corais, que cantaram músicas inspiradoras, muito do agrado da platéia participante.



Instrução com Morteiro

Com a finalidade de instruir e aperfeiçoar o adestramento das guarnições de Morteiro Pesado 4.2 (de forma semelhante ao contido no artigo "Meio Auxiliar de Instrução", publicado no VO nº 104 – Nov/84), e visando substituir o "tubo redutor" para Mrt Pes, o 71º Batalhão de Infantaria Motorizado (Garanhuns–PE) desenvolveu um Adaptador (de madeira) para acoplar o Fuzil 7,62 M 964 sobre o tubo do referido Morteiro.

Na instrução de tiro com a peça de Morteiro, utiliza-se granada de bocal (alto-explosiva ou exercício) do FAL e cartuchos de lançamento (com alcance máximo de 353 m) ou cartuchos de festim (com alcance máximo de 82m).



A área de instrução para tiro com Car Lç tem que possuir um mínimo de 400m de comprimento e, para o tiro com Car Ft, um mínimo de 100m.

Na foto, observa-se o FAL (carregado com a granada de bocal) acoplado ao tubo do Mrt Pes 4.2.

Presidente de JSM



Por ocasião da inspeção realizada pela 30ª CSM, realizou-se a tomada de posse da Presidência da Junta de Serviço Militar de Rio Brilhante–MS.

A cerimônia, realizada no Gabinete do Prefeito, contou com a presença de autoridades civis e militares.

Na foto, flagrante do juramento do novo Presidente da JSM.

XX NAE Resumo Informativo













A XX NAE, tradicional competição poliesportiva disputada entre o Colégio Naval (CN) e as Escolas Preparatórias de Cadetes da Aeronáutica (EPCAr) e do Exército (EsPCEx), foi realizada em Campinas–SP, congregando cerca de 400 atletas.

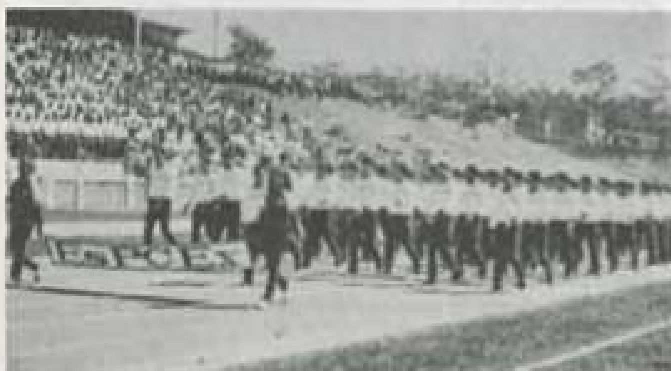
A cerimônia de abertura ocorreu no estádio da EsPCEx (Estádio da Fonte), contando com a presença de inúmeras autoridades civis e militares. Foi presidida pelo Gen Div Fernando Valente Pamplona – Comandante da 2ª Divisão de Exército (São Paulo–SP), e teve a seguinte seqüência: entrada das delegações no estádio; entrada dos estandartes desportivos das Escolas; apresentação das delegações à mais alta autoridade; hasteamento da Bandeira Nacional; acendimento da pira olímpica; juramento do atleta; palavras do Comandante da 2ª Divisão de Exército; declaração de abertura oficial da XX NAE; salva de obuses; revoada de pombos; desfiles das delegações desportivas; demonstração de ginástica por Soldados do 2º Batalhão de Guardas; e apresentação de balé do Centro Experimental da PUC CAMP.

Durante seis dias foram disputadas oito modalidades desportivas, cujos vencedores foram: atletismo (EsPCEx), basquetebol (EsPCEx), futebol (EPCAr), judô (CN), natação (EPCAr), tiro (EPCAr), triatlo (CN), e volibol (CN).

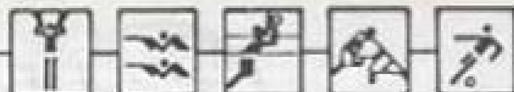
Durante as competições foram realizadas exposições de indústrias de material bélico, de filatelia, de "Ikebana" (vivificação floral) e apresentação de "Caminhadas" (dança do folclore brasileiro).

A cerimônia de encerramento aconteceu também no Estádio da Fonte, e foi presidida pelo Brigadeiro João Felipe Brack – Comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

A imprensa local, diariamente, noticiou os resultados dos eventos. Referindo-se à cerimônia de abertura, declarou: "Foi com rara beleza e organização que (. . .) deu-se por aberta a XX NAE". Com relação ao encerramento, publicou: "Com bons índices e resultados surpreendentes, encerrou-se na EsPCEx a XX NAE, com a vitória da EPCAr com 15 pontos, um a mais que a EsPCEx. Com 13 pontos, o Colégio Naval ficou em terceiro lugar."







Meia Maratona

Com a presença do Comandante da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada (Pelotas–RS), Gen Bda Egão Corrêa de Oliveira Freitas, e a participação de grande número de atletas de renome estadual, foi realizada a meia maratona "Arranca-Toco", prova destinada a militares e civis (masculino e feminino), com o percurso de 21 km.

A corrida, organizada pelo 18º Batalhão de Infantaria Motorizado (Porto Alegre–RS), teve como objetivo desenvolver um maior congraçamento entre as Organizações Militares da Marinha, Exército, Aeronáutica e Brigada Militar, bem como a integração com a comunidade civil.

Participaram da competição 255 atletas, sagrando-se vencedor o corredor Paulo Silva, da SOGIPA.

Na foto, flagrante do grupamento de atletas, momentos após o início da prova.



Olimpíada Divisionária

Com a participação de todas as Grandes Unidades e Organizações Militares subordinadas à 9ª Região Militar/9ª Divisão de Exército (Campo Grande–MS), realizou-se a Olimpíada Divisionária.

Na foto, registro das autoridades presentes e troféus distribuídos por ocasião da cerimônia de encerramento da Olimpíada, no Ginásio de Esportes.



Olimpíada da 7.ª Bda Inf Mtz



Sagrando-se campeã da VII Olimpíada da 7ª Brigada de Infantaria Motorizada (Natal–RN), a equipe desportiva do 15º Batalhão de Infantaria Motorizado (João Pessoa–PB), por intermédio de seu Comandante, recebeu o Troféu de Campeão das mãos do Gen Bda José Moretzsohn – Comandante daquela Grande Unidade.

Temporada Hípica



Realizou-se, na Escola de Sargentos das Armas, a Temporada Hípica em homenagem à cidade de Três Corações–MG, por ocasião do transcurso de seu centésimo aniversário.

Foram disputadas as modalidades de Salto e Pólo por equipes do Clube Hípico e Campestre de Juiz de Fora, Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Sargentos das Armas e Campo de Instrução de Gericinó (Rio de Janeiro–RJ).

O resultado final da Temporada foi o seguinte:

- Provas de Salto: 1º lugar – AMAN; 2º lugar – CHJF; 3º lugar – EsSA
- Jogos de Pólo: Equipe campeã handicap – EsSA; Equipe vice-campeã handicap – AMAN; Equipe campeã aberto – AMAN; Equipe vice-campeã aberto – CIG

Na foto, entrega de prêmios aos vencedores de diversas provas.

Epistolografia Militar



Senhor Comandante,

Há dias atrás, tive a ocasião de presenciar, na Unidade que V.Sª comanda, a festividade militar em homenagem aos Patronos do Exército Brasileiro.

Pude constatar com orgulho que o trabalho disciplinado, inteligente e perseverante de seus comandados transformou, em alguns meses, um grupo de jovens heterogêneos, num corpo de alunos responsáveis entusiasmados e organizados.

Pude, outrossim, confirmar que os valores nos quais sempre acreditei e que tentei transmitir aos meus filhos estão certos. O jovem não é indisciplinado por natureza. O modelo de casa, da escola e, agora, da Unidade tem o poder de moldá-lo e formá-lo virtuosamente.

O jovem precisa de liderança e modelos lógicos para acreditar na esperança de um mundo mais justo, equânime e fraterno.

Os valores embasados nas três colunas, verdade, força e beleza, devem nortear nosso mundo espiritual, inteligente e material.

Que a estrela do Oriente, símbolo do homem perfeito, ilumine V.Sª e seus comandados.

Cordialmente,

(a) Lucia de Souza Castro



Senhor Comandante:

Os feitos militares, ao longo dos tempos, chegam ao conhecimento dos povos através da história escrita, entremeados pelo alarido dos grandes combates.

Não obstante, o papel desempenhado pelas Forças Armadas na manutenção silenciosa da coesão nacional e nos extraordinários serviços prestados diuturnamente à população de cada país, não invariavelmente passa desapercebido ao historiador, permanecendo desconhecido das massas populares.

Tentando impedir que o fato se repita, dirigimo-nos a V.Excia. solicitando sejam as ocorrências aqui descritas levadas ao conhecimento da tropa e de todos aqueles que direta ou indiratamente concorreram para o sucesso dessa "missão".

O Hospital da Santa Casa de Santos, como todos sabem, é o último baluarte da saúde do povo do litoral do Estado. Para ele se dirigem todos aqueles que, esquecidos pela fortuna, buscam lenitivo para o sofrimento e a dor.

Infelizmente, algumas vezes, não bastam os sofisticados aparelhos e a vontade de médicos e funcionários para que salvemos uma vida. Em certas ocasiões, são necessárias grandes quantidades de sangue, e nestes momentos de aflição, surgem nossas Forças Armadas, amparando-nos e possibilitando o socorro exigido.

É o caso que passamos a relatar.

"Justamente quando se comemorava em todo o Brasil a Semana do Exército, deu entrada em nosso Hospital, a gestante de nome Julia Linda Castilho, com 20 anos de idade, já em trabalho de parto, que deu à luz a uma criança em perfeito estado de saúde.

A mesma sorte não teve a parturiente, que através de processo que seria por demais longo detalhar, sofreu enorme diminuição de "plaquetas" no sangue, fato gerador de freqüentes e abundantes hemorragias que a levariam a óbito rapidamente.

Não havia tempo a perder. A paciente precisava receber "Concentrado de Plaquetas", obtido do sangue humano através de processamento especial, agrupando de 4 a 6 pessoas de um mesmo tipo sanguíneo, para elaboração de cada dose. Numa primeira avaliação, constatou-se que a paciente receberia 20 doses de concentrado, o que nos obrigaria a encontrar 120 doadores de um mesmo tipo de sangue em curtíssimo espaço de tempo. A cada minuto a situação se agravava.

A simples aplicação de uma injeção provocava enormes cuidados pois, pelo orifício capilar que se formava, corria o sangue incontrolavelmente.

Imediatamente, através de nossa Superintendência, o caso foi levado ao conhecimento dos Comandantes do 2º Batalhão de Caçadores e do Forte dos Andradas, que rapidamente deslocaram para o Hospital doadores de suas tropas.

Municiados pelas Unidades referidas, iniciamos a longa batalha pela salvação da jovem mãe.

E todos juntos, militares, administradores, médicos e funcionários, vencemos a morte, que parecia inexorável.

Há poucos dias, demos alta a Julia, que finalmente pôde abraçar seu filho, já totalmente recuperada.

A todos que atuaram neste delicadíssimo caso médico, de oficiais da mais alta patente ao soldado, dos médicos ao mais simples funcionário desta Casa, fica o exemplo.

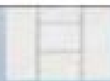
Da união, da boa vontade e da capacitação profissional de cada um, surgiram as forças para vencer a morte.

Com a conjugação destes mesmos fatores, saberá nosso povo vencer a adversidade e a pobreza, projetando o País para lugar de destaque entre as Nações.

A todos, o nosso sensibilizado

MUITO OBRIGADO"

Antonio Manoel de Carvalho
PROVEDOR



FUNDAÇÃO HABITACIONAL DO EXÉRCITO

Os Soldados são a segurança da Pátria.



A POUPEX é a garantia do Soldado.



Agora também com o novo plano de poupança:

Fundo Especial-Conta de Depósito de Cabos/Soldados
(Poupança do Recruta)

SEGURANÇA-RENTABILIDADE-LIQUIDEZ



1º BIMtz (Es)

Regimento Sampaio

1º Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola)

A origem histórica do 1º BIMtz(Es) remonta ao «Terço Velho» de Mem de Sá. De lá para cá, tem a Unidade, através de seus formadores, escrito páginas de heroismo e bravura, participante que foi de todas as fases da nacionalidade, ou seja, do Brasil Colônia aos nossos dias. E o que é importante — «sem derrotas», tanto fora como dentro do País.

Esse passado tem que ser mantido, pois ele é o cerne de todas as aspirações da tropa do «Sampaio» de hoje, que conserva o mesmo espírito de luta do tempo da «Divisão Encouraçada», o mesmo desprendimento dos heróis de Monte Castello e o mesmo orgulho de pertencer ao 1º Batalhão de Fuzileiros da Corte, como sentiu *Luís Alves de Lima e Silva*, quando assentou praça no formador do «Sampaio».

Sua história começa quando foi formado o Terço Velho, para expulsar os franceses e fundar a cidade do Rio de Janeiro, em 1567.

Em 1775, toma parte na luta contra os espanhóis, no Rio Grande do Sul, com a denominação de 1º Regimento de Infantaria do Rio.

Em 1817, atua em Pernambuco, debelando os revoltosos da Confederação do Equador e, quando regressa, é transformado no 1º Batalhão de Fuzileiros da Corte. Novamente modificado em 1824, passa a ser o 2º Batalhão de Caçadores (extinto pelo Regente Feijó, em 1832).



Dez anos depois, no governo de D. Pedro II, renasce o 1º Batalhão de Fuzileiros. Nesse mesmo ano de 1842, é criado, em Santa Catarina, o 8º Batalhão de Fuzileiros, que toma, em 1852, a denominação de 7º Batalhão de Fuzileiros.

Na guerra contra o Paraguai, entraram em ação o 1º, o 7º e o 20º Batalhões.

O 1º Batalhão de Fuzileiros, integrando a «Brigada de Bruce», tomou parte na Batalha de Riachuelo (1865) e, fazendo parte da «Divisão Encouraçada» de Sampaio, participou da Batalha de Tuiuti (1866).

O 7º Batalhão de Fuzileiros, fazendo parte da «Divisão Encouraçada», também combateu na Batalha de Tuiuti.

O 1º e 7º Batalhões, já irmanados, participaram das Batalhas de Itororó, Piquiciri, Ita-Ivaté, Peribebuí e, finalmente, da de Campo Grande, o último feito militar na Guerra do Paraguai.

O 20º Batalhão de Caçadores, criado em 1865, em Goiás, fazendo parte do Corpo Expedicionário Brasileiro (sob o Comando do Coronel Camisão), invadiu o Paraguai e escreveu, em 1867, mais uma página brilhante da nossa história: a Retirada da Laguna.

Em 1908, surge o 1º Regimento de Infantaria, da reunião desses três gloriosos Batalhões: o 1º, o 7º e o 20º. Jamais poder-se-ia imaginar que a História Militar haveria de continuar a escrever novas páginas heróicas através dos tempos futuros.

Na Intentona Comunista de 1935, o 1º RI ocupou os Morros de Capistrano e Afonsos, sendo que a 4ª e 9ª Companhias, fazendo parte do 1º Escalão de Combate, investiram contra a Escola de Aviação Militar que se achava sublevada por alguns militares adeptos da ideologia marxista.

Em 1940, o 1º RI recebeu a denominação especial de «Regimento Sampaio», em homenagem ao Patrono da Infantaria — *Brigadeiro Antonio de Sampaio* — ferido mortalmente na Batalha de Tuiuti. Em 1941, passou a ter seu «estandarte-distintivo», síntese da tradição da Unidade.

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, o então «Regimento Sampaio», integrando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, seguiu para a Itália, em 1944, lutando até o término das operações naquele país. Entre suas maiores glórias, nessa guerra, figuram as conquistas de Monte Castello e de La Serra.

Em reconhecimento à bravura com que se portou nesses combates, o governo brasileiro, em 1946, determinou que se acrescentassem, ao seu estandarte, os nomes de Monte Castello e La Serra. Ainda como homenagem à sua participação na Campanha da Itália, teve o então «Regimento Sampaio» o seu estandarte condecorado com a Cruz de Combate de 1ª Classe. Possui também a Ordem do Mérito Militar e a Insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro do Sul, esta última conquistada pelo 1º Batalhão de Infantaria, em 1867, e aposta à haste de sua bandeira pelo *Duque de Caxias*, Patrono do Exército, que iniciou a sua carreira de Oficial nesta Unidade, onde serviu como Alferes e Tenente.

Na Revolução de 31 de Março de 1964, o «Regimento Sampaio» deslocou-se para Minas Gerais, onde aderiu ao Movimento Revolucionário iniciado pelas tropas daquele Estado.

A Portaria nº 060-EME/Res, de 27 de agosto de 1975, transformou o 1º RI em 1º Batalhão de Infantaria Motorizado — «Batalhão Sampaio», tendo como Unidade incorporada o 21º BIMtz. Tal organização entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 1976.

Em janeiro de 1977, o 21º BIMtz foi desativado, tendo sido, na oportunidade, criada a 4ª Companhia de Fuzileiros e a Companhia de Comando e Serviços. A 4ª Cia Fzo foi posteriormente extinta e a Cia Cmdo Sv desmembrada em Cia Cmdo e Cia Sv.

A 1º de janeiro de 1978, o 1º BIMtz foi transferido da 1ª Brigada de Infantaria Motorizada para a 9ª Brigada de Infantaria Motorizada — Escola, passando a denominar-se 1º BIMtz-Escola.

A Portaria Ministerial nº 148, de 10 de fevereiro de 1982, devolveu a denominação histórica de «Regimento Sampaio» ao 1º BIMtz-Escola.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL